

■ NACIONAL

Economia Brasil

Camdessus fará o anúncio oficial do acordo

Embora a operação de apoio financeiro externo ao Brasil seja uma novidade, por causa do mecanismo de contingência que está sendo formatado pelos principais países industrializados, a divulgação do acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) seguirá o modelo tradicional da instituição. Como ocorreu no caso da Coreia, em dezembro do ano passado, o diretor gerente do Fundo, Michel Camdessus, divulgará um comunicado de quatro a cinco parágrafos dizendo que tem a satisfação de anunciar o término das negociações com o Brasil e que está disposto a submeter a carta de intenções e os memorandos técnicos que a acompanham à aprovação da diretoria executiva.

Do anúncio constará o montante dos empréstimos de cada um dos participantes do pacote, estimado em US\$ 42 bilhões. Além do FMI, cuja participação deve ficar em US\$ 18 bilhões, o Banco Mundial (BIRD) e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) entrarão com US\$ 4,5 bilhões cada um. Os países industrializados contribuirão

No comunicado constará o montante do empréstimo de cada um dos participantes do pacote, estimado em US\$ 42 bi

Maria Helena Tachinardi, de Washington

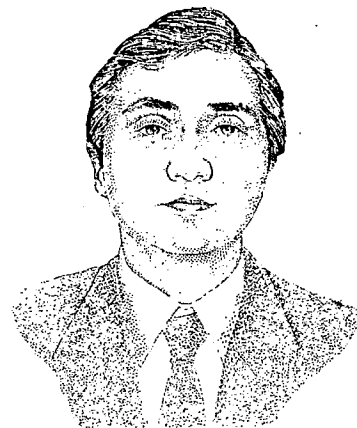
com um total próximo a US\$ 15 bilhões. Dos US\$ 4,5 bilhões do BID, US\$ 3,4 bilhões serão recursos novos, já que US\$ 1,1 bilhão já foi comprometido com o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) para apoiar pequenas e médias empresas.

No caso da Coreia, o comunicado não surtiu o efeito desejado porque o mercado percebeu que a situação financeira do país era mais grave do que os números oficiais revelavam. Foi preciso fazer uma adaptação no acordo com o governo coreano. Para evitar esse tipo de constrangimento e novas críticas à maneira como o FMI vem-se conduzindo na crise finan-

ceira dos países emergentes, o acordo com o Brasil está cercado de cautela. "O Fundo e o governo brasileiro estão tendo o máximo cuidado para não vazarem informações, e com razão. O objetivo é não criar expectativas exageradas e dar sinais errados ao mercado", disse uma fonte da área econômica.

Cuidado da equipe para não vazarem informações durante a negociação é para não dar sinais errados ao mercado

O pacto do silêncio é notado também nas entrevistas das autoridades americanas. O secretário do Tesouro dos EUA, Robert Rubin, e o seu subsecretário, Larry Summers, sempre evitam comentar sobre o pacote de suporte ao Brasil. "É uma coisa tão sensível que todo mundo tem medo de falar", comentou a fonte.



Amaury Bier

Ontem, o secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, Amaury Bier, disse que a carta de intenções do Brasil para o FMI ficará pronta "até o final da semana". O anúncio será feito pelo governo, em Brasília. O comunicado do Fundo sairá na parte da manhã, levando em consideração a diferen-

ça de fuso horário com a Europa. O documento será transcrito na página do ministério na Internet e reproduzido no "site" do Fundo. Como é do formato tradicional, a instituição só distribui uma nota à imprensa quando houver decisões de sua diretoria, que analisará a carta de intenções até o próximo dia 26.

Camdessus viajará ao Equador amanhã e só retornará a Washington no final da semana que vem. Visitará países centro-americanos afetados pelo furacão Mitch e participará de uma conferência de bancos da região. Mas o diretor gerente adjunto do Fundo, Stanley Fischer, estará na capital americana respondendo pelos desdobramentos do acordo com o Brasil. É ele, aliás, o principal interlocutor do ministro da Fazenda, Pedro Malan, que assinará a carta.

Os empréstimos do Banco Mundial e do BID, por um período de dois a três anos, não serão desembolsados imediatamente e de uma só

vez. Dependerão também da aprovação dos seus diretores. O financiamento do BIRD de US\$ 3 bilhões para ajustes estruturais na Argentina, solicitado há cerca de cinco semanas, só foi aprovado na última terça-feira. Até o final do ano o desembolso será de US\$ 1 bilhão.

O presidente do BID, Enrique Iglesias, espera conseguir o aval para um financiamento de emergência de US\$ 10 bilhões a países da região com crise de liquidez. O assunto será discutido hoje e amanhã na reunião de um comitê da assembléia de governadores do banco. Os empréstimos do BID e do Banco Mundial, nesse caso, custarão mais caro que os tradicionais — 4% sobre a libor. Para poder atender aos pedidos de empréstimo de emergência, o Banco Interamericano pretende levantar US\$ 9 bilhões no mercado por meio da emissão de bônus. Nesta semana, o BID lançou um papel de US\$ 1 bilhão por dez anos.